



## **Projeções da modernidade: A arquitetura das salas de cinema de rua de Santa Catarina**

### **Autores:**

Gabriela Carolina Dreyer Rambo - Universidade do estado de santa catarina - gabiirambo@gmail.com

Alice de Oliveira Viana - Universidade do estado de santa catarina - alice\_viana@yahoo.com.br

Luís Eduardo Candeia - Universidade do estado de santa catarina - dudu\_lec@hotmail.com

Bhrenda Ketlyn Batista - Universidade do estado de santa catarina - bhrenda.batista@hotmail.com

### **Resumo:**

Este artigo é resultante da pesquisa "O Corpo Espacial do Cinema - Uma Cartografia social das antigas salas de cinema de rua de Santa Catarina", e estrutura-se em três partes. A primeira pretende explorar as salas de cinema enquanto expressão da modernidade, em sua dupla relação entre técnica e arte, e entender como o espectador se insere nesta nova forma de socialização. A segunda parte propõe identificar e analisar as linguagens que compunham as salas de cinema nas diferentes regiões, e reconhecer como estas expressavam a ideia de novidade por meio de suas formas e estilos. Finalmente, a terceira seção analisa o que estes espaços simbolizam na atualidade, no sentido de identificar possíveis memórias dos mesmos.

# PROJEÇÕES DA MODERNIDADE

## A arquitetura das salas de cinema de rua de Santa Catarina

### INTRODUÇÃO

Muito além da exibição de um filme, a chegada do cinema no estado de Santa Catarina proporcionou novas formas de sociabilidade urbana. As projeções cinematográficas teceram uma verdadeira geografia das sociabilidades nas cidades catarinenses do século XX. Além de uma geografia, o cinema também apresenta uma arquitetura, sendo esta um atributo importante de representação da modernidade e atração do público para a experiência moderna. A sala de cinema configura-se, portanto, como um vetor de inserção da modernidade na vida cotidiana dos catarinenses na primeira metade do século XX (POZZO, 2017).

A relação do espectador com o cinema se estabelece, portanto, não apenas através dos filmes, mas também através dos espaços de exibição, as salas de cinema. Bamba (2013, p. 11 apud POZZO, 2017, p. 89) aponta que as pesquisas sobre a recepção dos espectadores de cinema podem “levantar questões atreladas ao tipo de relação que eles mantêm com os chamados lugares institucionais de cinema (salas de cinema, cineclube, cinemateca etc.)”. Neste cenário, o presente artigo apresenta os resultados parciais de pesquisa desenvolvida junto ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Estado de Santa Catarina, intitulada “O corpo espacial do cinema: uma cartografia social das antigas salas de cinema de rua de Santa Catarina” e que tem como objetivo identificar as formas de sociabilidade urbana incitadas pelas antigas salas de cinema de rua no centro das cidades de Santa Catarina ao longo do século XX. A pesquisa orienta-se metodologicamente de forma a entender a organização da exibição cinematográfica catarinense enquanto uma resposta à lógica de formação e regionalização do espaço. Por isso, fez-se a opção metodológica de proceder o estudo a partir das 6 regiões propostas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o estado de Santa Catarina: Sul, Grande Florianópolis, Vale do Itajaí, Norte, Planalto Serrano e Oeste.

As informações que alimentaram a pesquisa foram encontradas em arquivos institucionais, como arquivos municipais e casas da memória, secretarias de cultura, e hemerotecas, bem como em relatos de pessoas que participaram da atividade cinematográfica na época. Foram identificadas 164 salas de cinema já existentes no estado, que estiveram em funcionamento em diversos momentos do século XX, conforme a tabela abaixo:

Região	Número de salas de rua identificadas	Período de funcionamento das salas	Número de salas com fotografia analisada
Sul	25	1900-1965	9
Grande Florianópolis	21	1900-1986	3
Vale do Itajaí	55	1904-1998	12
Norte	28	1910-1984	8
Planalto Serrano	17	1915-1964	5
Oeste	18	1936-1978	5

TABELA 1: Número de salas identificadas vs. Número de salas analisadas

Dos dados coletados, conseguiu-se um total de 42 fontes visuais, fotos externas das antigas salas, as quais foram utilizadas para análise das linguagens arquitetônicas das fachadas. Apesar deste número constituir um universo de apenas 25% do total de salas outrora existentes, acredita-se que a amostragem é suficiente para demonstrar a pluralidade de linguagens empregada ao longo do tempo e do espaço, e compreender a lógica da formação do espaço em cada região

Este artigo estrutura-se em três partes. A primeira pretende explorar as salas de cinema enquanto expressão da modernidade, em sua dupla relação entre técnica e arte, e entender como o espectador se insere nesta nova forma de socialização. A segunda parte propõe identificar e analisar as linguagens que compunham as salas de cinema nas diferentes regiões, e reconhecer como estas expressavam a ideia de novidade por meio de suas formas e estilos. Finalmente, a terceira seção analisa o que estes espaços simbolizam na atualidade, no sentido de identificar possíveis memórias dos mesmos.

## AS SALAS DE CINEMA E OS MODOS DE SER MODERNO

Segundo Souza (2007), em 8 de Julho de 1896, acontece no Rio de Janeiro a primeira exibição cinematográfica do país, trazendo a modernidade emergente no mundo todo, para dentro da sala do “Jornal do Commercio”, na Rua do Ouvidor. Ainda de acordo com o autor, a projeção trepidava e nem sempre era nítida, possivelmente porque o uso da energia elétrica estava apenas em seu princípio no Brasil. Ainda que precária, esta exibição trouxe às terras tupiniquins uma amostra do que era participar da novidade do cinema. Um ano depois, na mesma rua, inaugura-se a primeira sala de cinema brasileira, o Salão de Novidades Paris. Por mais que não exercesse função exclusiva de cinema, este era um de seus mais rentáveis usos, de modo que havia a necessidade de emissários viajarem para os Estados Unidos e Europa, a fim de trazer novas películas para suprir este anseio por modernidade (SOUZA, 2007).

Em Santa Catarina, o cinema chega pelas mãos dos ambulantes, que percorriam a vertente litorânea do estado desde os primeiros anos do século XX. Na década de 1900, ocorre a instalação das primeiras salas fixas do estado, com exceção da região oeste catarinense,

onde as salas fixas aparecem tardiamente, a partir da segunda metade da década 1930. Muito provavelmente, este fato decorre do processo de colonização da região que aconteceu tardiamente em relação às outras partes do território, e também devido à predominante economia agropecuária, que tinha como característica o prevalecimento da população rural sobre a urbana. No estado como um todo, a nova paisagem urbana na qual tem lugar a vida moderna começa a se formar nas cidades com maior relevância comercial (tal como Florianópolis, Lages, Laguna ou Blumenau) na passagem do século XIX para o XX e, nas demais, ao longo da primeira metade do século passado. Nesta nova paisagem, as salas de cinema são pontos focais, pois expressam uma combinação completa dos atributos da modernidade (CHARNEY; SCHWARZ, 2004). O cinema, enquanto uma arte-técnica, foi responsável por ofertar aos catarinenses imagens primordiais da modernidade, aliando modernização (produção material) e modernismo (superestrutura), de acordo com a acepção de Berman (2007).

As salas de cinema especialmente construídas para tal uso aparecem no estado preponderantemente a partir da década de 1930. Até então, os espaços de projeção eram adaptados à estrutura de clubes, sociedades recreativas, etc. Nas novas salas, os atributos técnicos aliados a belos ornamentos e/ou estilemas modernos intensificam a experiência do cinema. Segundo Pozzo (2017, p. 103):

a magia das exposições universais, as descobertas da ciência e o movimento das grandes cidades podiam ser experienciados nestas edificações, mediante sua própria materialidade e, evidentemente, as películas nelas exibidas. Pode-se dizer que muitas cidades pequenas participam do fenômeno da modernidade em sua totalidade através das salas de cinema.

Ao ver um filme no cinema em uma sala de rua, o espectador sentia-se imerso nessa modernidade vista por todo mundo, ao mesmo tempo que fazia parte das atividades de lazer e socialização do cotidiano da cidade. Compartilhava de um sentimento do mundo, neste sentido, cosmopolita, e envolvia-se com o movimento da localidade.

De acordo com Berman (2007), a concepção de moderno é paradoxal, e sustenta-se em uma polaridade antagônica. Ao mesmo tempo que o ser humano quer participar da transformação, o assusta a ideia de não seguir a tradição, enquanto quer ser de vanguarda, é consumido por um ímpeto conservador. É neste cenário de obsolescência que o cinema se configura como um dos símbolos da modernidade da época, e fazer parte disso significava imergir na aventura do novo, ainda que carregado com o perigo do desconhecido, antes que este deixasse de ser uma novidade.

As salas tinham o poder de inserir o público na modernidade não apenas pela tecnologia da imagem em movimento, mas também pelas características formais e espaciais destes ambientes, trazendo em sua arquitetura os estilos considerados mais atuais e adequados para este uso, ou seja, traziam um gosto moderno. Neste aspecto, tem destaque o *Art Déco*, que existia tanto em sua forma mais autêntica, bem como expressa por meio de detalhes e estilemas que remetem à linguagem, como será explorado no item seguinte.

Além dos aspectos estéticos, as salas em Santa Catarina se esforçaram por trazer a ideia de modernidade também em seus nomes. Do universo investigado, notam-se metáforas da modernidade na nomenclatura das salas como, por exemplo, Cine Avenida e Cine Progresso. Outras expressavam sua afinção com os debates modernos que desde as primeiras décadas do século procuravam definir o Brasil, suas raízes e identidade, e o faziam mediante a utilização de termos indígenas, como Cine Guarani, Cine Tamoio e Cine Marajoara. Por fim, existiram salas que se utilizavam do nome do município ou empresa detentora, do sobrenome da família proprietária, ou ainda, inspiravam-se na cultura teatral, com nomes como Odeon e Opera.

É importante ressaltar que uma parcela das edificações estudadas possuía uso misto, comercial e residencial, o que resultava em movimentações pelo imóvel o tempo todo, por mais que a sala de cinema não estivesse em funcionamento. Deste modo, estes espaços tornavam-se pontos nodais que reforçavam a função da centralidade do município, e faziam com que o cinema fosse parte do cotidiano da vida urbana, pois, enquanto que durante o dia o centro era movimentado pelo comércio, durante a noite, os moradores retornavam às suas casas ao mesmo tempo que o cinema proporcionava movimentação.

O surgimento temporal das salas se dá em paralelo ao desenvolvimento econômico das regiões. Inicialmente, há um investimento nas cidades litorâneas em que há maior densidade populacional e capital baseado no comércio. Mais tarde, os cinemas começam a aparecer em polos com base industrial, como Joinville, e, por último, a modernidade do cinema adentra o estado e populariza-se na economia agropecuária do planalto e do oeste catarinense (FILHO, 2013).

Este processo resultou na configuração atual das salas, em que as cidades polo de cada região possuem maior número de salas, o que caracteriza uma maior variedade arquitetônica dos espaços. Além disso, a arquitetura dos ambientes sempre foi uma ferramenta utilizada para demarcar com mais clareza o público-alvo desejado pelo cinema. Como efeito das maiores cidades possuírem um maior contingente populacional, era nelas também que apareceram as maiores salas de cinema, edificações imponentes que demarcavam a importância da sétima arte nestes núcleos urbanos. Enquanto isso, as cidades menores recebem salas adequadas à sua demanda, ali relata-se que a interação social era mais intensa, de modo que o público conversava e comia no espaço.

## LINGUAGENS: TRADUÇÕES ARQUITETÔNICAS DO MODERNO

O cinema surge no final do século XIX como uma produção artística em resposta às mudanças econômico-sociais ocorridas em virtude da revolução industrial. Inicialmente, a exibição de filmes se configura dentro dos teatros, já que a espacialidade deste comporta o programa mínimo necessário para a instalação das estruturas de projeção e da tela, assim

como o mobiliário necessário para a acomodação do público. Somente no século XX as salas de exibição se consolidam e adquirem uma estética própria, cuja arquitetura se constrói através de elementos formais e espaciais que trouxessem a ideia de modernidade, destacando-se a linguagem *Art Déco*.

Em Santa Catarina, das 42 salas de cinema de rua analisadas, nota-se um destaque para esta linguagem, que se manifesta em 23 salas (Tabela 2). Todavia, o cinema adentra no estado inicialmente em edificações de linguagem Eclética. Esta se manifesta em apenas 3 salas, na região Sul e na Grande Florianópolis, todas em áreas litorâneas.

Região	Linguagem Eclética	Linguagem <u>Art Deco</u>	Linguagem <u>Art Modernista</u>	Linguagem regional	Sem identificação
Sul	2	5	1	1	1
Grande Florianópolis	1	3	0	0	0
Vale do Itajaí	0	6	2	2	1
Norte	0	2	0	1	4
Planalto Serrano	0	4	0	0	0
Oeste	0	3	0	0	1

TABELA 2: Linguagens arquitetônicas correspondentes às mesorregiões de Santa Catarina.

O fato da linguagem eclética ter se consolidado em regiões litorâneas pode ser compreendido devido ao fato de ali se concentrarem, no início do século XX, cidades polo. Estas tinham um significativo desenvolvimento socioeconômico, o que possibilitou a manifestação de espaços culturais, como teatros e cinemas.

Nesse contexto destaca-se Laguna, uma das primeiras cidades fundadas no estado (1676) e com um significativo desenvolvimento econômico no início do século XX, vinculado a atividades portuárias. Ali se constroem duas salas de cinema: Cine Natal (imagem 1), de 1900; e Cine Arajé/Glória, de 1910. Já na capital Florianópolis, inaugura-se em linguagem eclética o Cine Ritz (imagem 2), em 1935.



IMAGEM 1: Cine Natal (1910), em Laguna. Edificação à esquerda da foto. Fonte: POZZO, 2016.  
IMAGEM 2: Cine Ritz (1935), em Florianópolis. Fonte: Acervo Casa da Memória de Florianópolis, 2016.

Segundo Benevolo (1976), o Eclético foi um estilo proveniente do aprimoramento da tecnologia pós revolução industrial, que possibilitava a reinterpretação e reelaboração dos estilos passados dentro dessa nova estética. O Cine Natal (imagem 1) consistia em um sobrado com corpo central destacado, balcão saliente e platibanda ornamentada; e o Cine Ritz (imagem 2) apresenta igualmente um corpo central destacado, subdividido por pilastras ornamentadas, platibanda decorada, de onde emerge um frontão curvo e marquise que avança sobre a calçada. É possível notar também as circulações verticais nas laterais, reconhecidas pelas janelas compridas, que vencem dois pavimentos, além de duas pequenas janelas que ladeiam a porta de entrada – possivelmente as aberturas da antiga bilheteria.

A novidade do cinema passou a ficar cada vez mais presente no território catarinense, principalmente entre as décadas de 1930 e 1950, tanto nas pequenas quanto nas grandes cidades. A modernidade, cada vez mais exposta, também traz consequências no cenário arquitetônico, manifestando-se principalmente em edificações destinadas aos cinemas. O Cine Verane foi a primeira sala de cinema de rua *Art Déco* do Estado de Santa Catarina, inaugurada em 1931 em Orleans.

No Brasil, esta linguagem teve seu triunfo nas décadas 1930 e 1940, fundindo manifestações diversas como do futurismo e neoplasticismo (VIANA, 2008), apresentando a composição volumétrica marcada pela geometrização da fachada, como o escalonamento da platibanda. Em geral, utiliza simetria, axialidade, hierarquia e repetição, além da adaptação da base, corpo e coroamento, seguindo ainda algumas regras de composição de *École des Beaux-Arts*.

A linguagem *Déco* se expressava como tradução de uma noção de modernidade vinculada aos novos usos e tipologias do século XX, como arranha-céus, edifícios institucionais, lojas de departamento, cinemas, clubes e emissoras de rádio (CORREIA, 2010). Junto a isso, sua simplicidade em termos estéticos permitiu sua difusão em edificações de médio e pequeno porte, predominantes nas cidades catarinenses.

A ideia de modernidade estava em ascensão nesta época não apenas como anseio da população catarinense, mas brasileira. As antigas salas de cinema remetiam a isso através de seu uso e arquitetura. Segundo nosso acervo iconográfico, desde o Cine Verane, inaugurado em 1931, até o Cine Scharf inaugurado em 1967 em Palhoça, 23 salas estiveram em funcionamento em todo o território estadual apresentando linguagem *Art Déco*.

Da imagem 3 à 6 notam-se características semelhantes do *Art Déco* nas fachadas das salas de cinema de rua. Há uma predominância do uso de marquises, de simetria, de elementos verticais que valorizam o eixo do edifício, assim como também destacam o acesso principal. Além disso, notam-se arquiteturas em que prevalecem os cheios sobre os vazios, além de ritmo nas aberturas das fachadas e também o uso de platibandas, como é o caso do Cine Carlos Gomes (imagem 5) e do Cine Brasil (imagem 6).





IMAGEM 3: Linguagem *Art Déco*, Cine Guarani (1935), em Videira. Fonte: <https://www.facebook.com/VIDEIRAANTIGA/>. Acesso em 21/11/18



IMAGEM 4: Linguagem *Art Déco*, Cine Itajahy (1938), em Itajaí. Fonte: <http://clubedosentaitajai.blogspot.com.br>. Acesso em 21/11/18



IMAGEM 5: Linguagem *Art Déco*, Cine Carlos Gomes (1939), em Lages. Fonte: Fundação Mário A. de Sousa



IMAGEM 6: Linguagem *Art Déco*, Cine Brasil (1946), em São Bento do Sul. Fonte: <http://sbsemfotos.blogspot.com/2011/07/cine-brasil.html>. Acesso em 21/11/18

Já a arquitetura moderna busca por elementos extremamente simplistas, com formas puras, livre de base, corpo e coroamento e principalmente de ornamentações. A quebra da tradição acadêmica e a necessidade de modernização, esta iniciada no *Art Déco*, se encontram afirmadas no Modernismo.

Em Santa Catarina, o modernismo chegou em algumas poucas salas de cinema: o Cine Ópera (imagem 7), inaugurado em 1960 em Criciúma; e em Balneário Camboriú o Cinerama (imagem 8), inaugurado em 1967, por exemplo. Estes apresentavam, dentre outras características, pilotis monumentais demarcando a entrada principal do cinema, no caso do primeiro, marquise de concreto, grandes vãos, ausência de ornamentações e letreiros com fontes tipográficas modernas. Em ambos, são visíveis elevações em que predominam os vazios, um contraponto à estética *Art Déco*.





IMAGEM 7: Cine Ópera (1960), em Criciúma. Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS%20-%20RJ/sc47154.jpg>. Acesso: 21/11/18



IMAGEM 8: Cinerama (1967), em Balneário Camboriú. Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=448313&view=detalhes>. Acesso em 21/11/18

Destaca-se que o letreiro foi, em grande maioria, utilizado nas salas de cinema *Art Déco*, escrito na vertical, paralelo à fachada, perdurando até o modernismo. O uso deste elemento buscava chamar a atenção da população, de acordo com a influência hollywoodiana, desde seu conteúdo cinematográfico até o ideal arquitetônico, trazendo a ideia de modernidade.

Nas pequenas cidades, algumas salas apresentavam uma arquitetura bastante simples, com o uso da madeira como estrutura e vedação, em tipologias bastante representativas da arquitetura vernacular que se desenvolve com a imigração europeia, sem nenhuma ornamentação, investindo a modernidade apenas em sua funcionalidade. Ao norte de Santa Catarina, o Cine Lumber (imagem 9) da Companhia Lumber, é o primeiro exemplar do estado, construído na década de 1910 e, mais tardiamente, em 1946 o Cine Ideal (imagem 10), em Chapecó, é inaugurado. Ambos os cinemas não existem mais atualmente.

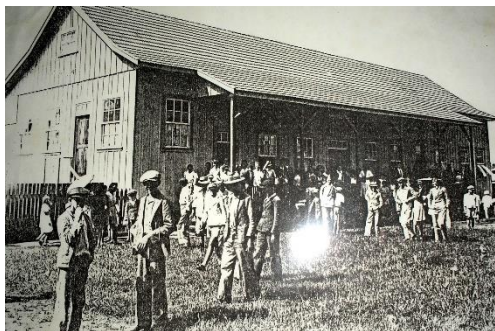


IMAGEM 9: Cine Lumber (1910), em Três Barras. Fonte: <http://lumbertresbarras.blogspot.com/2010/01/o-cinema-em-tres-barras.html>. Acesso em 21/11/18



IMAGEM 10: Cine Ideal (1946), em Chapecó. Fonte: Arquivo Família Tomazelli. In: THIES, 2016

## DESTINOS DA MEMÓRIA

Entende-se que hoje o valor atribuído às antigas salas de cinema de rua de Santa Catarina está na materialidade destas, nas técnicas construtivas e nos atributos estéticos. Além disso, muitos destes espaços possuíram sentido pela vida que ali abrigaram, por sua inserção em um cotidiano e em uma dinâmica social dos centros urbanos; enfim, pode-se dizer que são lugares dotados de uma carga simbólica.

As antigas salas foram espaços que continham um tempo carregado de futuro, com uma modernidade expressa na arquitetura e nas tecnologias de exibição dos filmes. Como coloca Pozzo, “o cinema não era apenas um lugar de contemplação, era também um lugar para ser visto e frequentá-lo significava participar de alguma forma da modernidade.” (POZZO, 2017, p. 104)

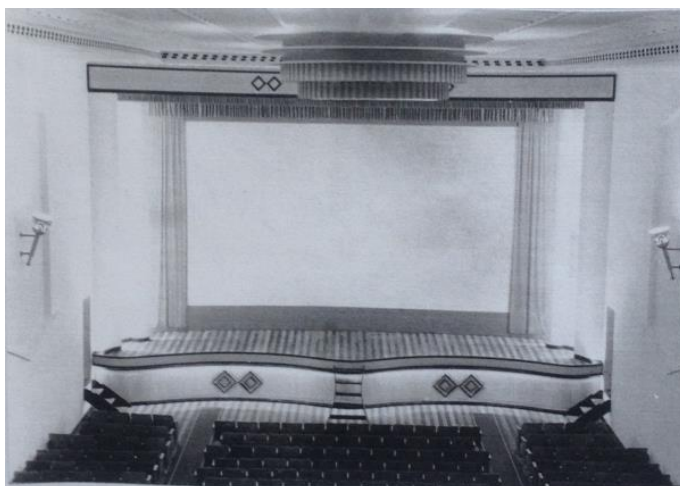


IMAGEM 11: Interior do Cine São José, de Tubarão, em 1958. Fonte: DIÁRIO DO SUL, 2018. TUBARÃO

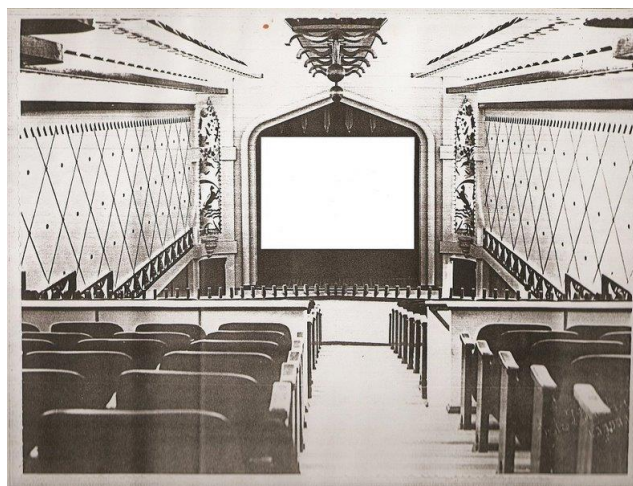


IMAGEM 12: Interior do Cine Teatro Mussi, Laguna. Fonte: POZZO, 2016.

Esse contexto proporcionou uma série de experiências para o espectador, que construiu sozinho, e em conjunto com o coletivo, muitas vezes em salas suntuosamente decoradas (imagens 11 e 12), em sessões lotadas (imagens 13 e 14), um imaginário sobre estes espaços. Como afirma Pesavento (2008, p.3):

todos nós, que vivemos em cidades, temos nelas pontos de ancoragem da memória: lugares em que nos reconhecemos, em que vivemos experiências do cotidiano ou situações excepcionais, territórios muitas vezes percorridos e familiares ou, pelo contrário, espaços existentes em um outro tempo e que só tem sentido em nosso espírito porque narrados pelos mais antigos, que

os percorreram no urbano qualificado, a integrar esta comunidade simbólica de sentidos, a que se dá o nome de imaginário.

Desta forma, o cinema se integrou na vida das pessoas, no cotidiano, e o ato de ir ao cinema era permeado por rituais. O espectador não vivia o cinema somente dentro da sala de exibição, mas também “no momento de sair de casa, do caminho, da bilheteria, da fila, do escurinho, do choro e, finalmente, da saída. O cinema permite outras vidas, e lembrar das experiências no cinema é lembrar da vida na cidade” (POZZO, 2016, p. 75).



IMAGEM 13: Movimento em frente ao Cine Teatro Mussi, Laguna. Fonte: POZZO, 2016.



IMAGEM 14: Platéia do Cine Teatro Mussi, em 1978, Laguna. Fonte: POZZO, 2016.

Essas lembranças trazem para o presente reminiscências de um passado e atribuem um valor às salas de cinema de rua do estado. Deve-se ressaltar que “a elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar” (ULPIANO, 1992, p.11). Deste modo, o tratamento dado a essas memórias é algo que reflete como este patrimônio é recebido no presente e como será no futuro.

No entanto, nota-se que no cenário catarinense são poucas as memórias arquitetônicas do cinema, uma vez que são poucas as salas de rua que resistiram ao tempo e continuam exercendo a função pela qual nasceram: exibir filmes. Esses espaços, que antes eram um símbolo da modernidade nas cidades, começam a entrar em declínio a partir dos anos 1970, momento em que gradativamente se reduz o número de salas de exibição no país (POZZO, 2017). Segundo Pozzo (2017, p. 103):

esta queda, além de estar relacionada à expansão da televisão, está também associada ao surgimento de novos padrões tecnológicos na exibição e de organização comercial, para os quais poucos empresários brasileiros estavam preparados para se adaptar.



Desta forma, as salas de cinema de rua de Santa Catarina permanecem no meio do campo de disputas que se observa nas cidades. Disputa econômica, social e ideológica: contextos que moldam essas arquiteturas. Segundo Pesavento (2005, p.11):

a passagem do tempo modifica o espaço, onde as práticas sociais do consumo e da apropriação do território não só alteram as formas do urbano como também a função e o uso do mesmo espaço, descaracterizando o passado da cidade.

De um modo geral, o cenário em Santa Catarina é de uma descaracterização das salas em virtude de suas funções transfiguradas a novas exigências. Há uma predominância de adaptações com a finalidade comercial (imagens 15 e 16), além do institucional, como é o caso das igrejas (imagens 17 e 18). As que não sofreram este processo foram demolidas e relegadas ao esquecimento (imagens 19 e 20), ou em situações excepcionais estão preservadas e protegidas como patrimônio histórico.



IMAGEM 15: Cine Marabá atualmente, de Imituba. Fonte: Google Street View.



IMAGEM 16: Segundo Cine Ideal de Chapecó, atualmente ocupado por comércio. Fotografia de 2017. Fonte: Google Maps.



IMAGEM 17: Edificação do Cine Teatro Colombo/Cine Império, atualmente ocupado por uma igreja. Foto de setembro de 2017. Fonte: Google Maps.



IMAGEM 18: Edificação do Cine Ópera, atualmente ocupado por uma igreja. Foto de 2018. Fonte: Acervo pessoal Luís Eduardo Candeia.



IMAGEM 19: Procissão em frente ao Cine Verane. A edificação foi demolida em 2006, vítima da especulação imobiliária. Fonte: FELISBINO; SELAU, 2009, p. 356.



IMAGEM 20: Edificação do Cine Guarani. A edificação foi demolida em 2018, dando lugar à um estacionamento. Fonte: Videira de Antigamente. Disponível em: <fb.com/pg/VIDEIRAANTIGA>. Acesso em 26/07/2018.

De acordo com a tabela abaixo, nota-se que apenas 3% das salas analisadas ainda exibem filmes atualmente. Dos outros usos explorados, 6,7% são destinados a cultos religiosos; 21,34% abrigam outros usos, destacando-se o comercial; as salas que foram demolidas ou ruíram configuram 17%.

Região	Número de salas de rua identificadas	Número de salas que hoje ainda exibem filmes	Número de salas que hoje abrigam cultos religiosos	Número de salas que hoje abrigam outros usos	Número de salas que foram demolidas ou ruíram	Número de salas que hoje estão abandonadas	Número de salas das quais não há informação concreta sobre o atual uso
Sul	25	1	3	10	3	1	7
Grande Florianópolis	21	0	2	6	3	1	9
Vale do Itajaí	55	2	2	6	7	1	37
Norte	28	1	1	2	6	1	17
Planalto Serrano	17	1	2	4	1	1	8
Oeste	18	0	1	7	8	0	2
<b>Total</b>	<b>164</b>	<b>5</b>	<b>11</b>	<b>35</b>	<b>28</b>	<b>5</b>	<b>80</b>
<b>Percentual</b>	<b>100%</b>	<b>3,00%</b>	<b>6,70%</b>	<b>21,34%</b>	<b>17,07%</b>	<b>3,00%</b>	<b>48,78%</b>

TABELA 3: Usos e adaptações das salas de cinema de rua de Santa Catarina.

Tem-se então uma contradição em relação a esses espaços: é nítida a importância destas salas na vida dos centros urbanos e na construção de uma arquitetura simbólica; e o que se tem hoje é a sobreposição de um silêncio em relação a esse passado, suscitando a

criação de lacunas na história urbana das cidades e uma perda de memórias individuais e coletivas. Segundo Ulpiano (1992, p.14), a memória é

[...] filha do presente. Mas, como seu objeto é a mudança, se lhe faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível e o futuro escapa a qualquer projeto.

Frente a isso, dar um destino digno a essas memórias significa também preservar o patrimônio edificado atrelado a elas, assim como adequar os usos destas salas para funções que respeitem o espaço construído. Uma opção é reestabelecer o funcionamento da sala como um espaço de exibição de filmes ou programações culturais, como é o caso do Cine Teatro Mussi, de Laguna.

Além disso, é necessário um olhar das esferas municipais, estaduais e federais sobre este patrimônio. O tombamento como patrimônio histórico possibilita uma maior preservação destes espaços. Exemplos disto são evidenciados em Joinville, em que o cinema Cine Palácio foi tombado como patrimônio histórico pelo município, e São Bento do Sul, em que o Cine Brasil (imagem 21) foi tombado como patrimônio histórico pelo estado e atualmente funciona como centro cultural, chamado Genésio Tureck.



IMAGEM 21: Centro Cultural Genésio Tureck. Fotografia de 2003. Fonte: Blog São Bento do Sul em Fotos. Disponível em: <<http://sbsemfotos.blogspot.com/2011/07/cine-brasil.html>>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização da exibição cinematográfica em Santa Catarina corresponde a aspectos da organização territorial do estado. Entender o acesso da população residente na região ao



cinema é uma tarefa complexa, pois a existência de salas de cinema na cidade nem sempre significa a possibilidade de o habitante visitá-la. Do mesmo modo, a ausência de salas no município não implica necessariamente a falta de acesso, pois a presença de vias e meios de transporte os quais oportunizem a chegada do espectador aos pontos de exibição é um fator que influencia cada caso individualmente. É preciso entender o território para entender o acesso ao cinema. Neste sentido, a rede urbana de Santa Catarina, por ser democrática, segundo a conceituação de CORRÊA (1989), ou seja, com a forte presença de cidades médias enquanto centros regionais, proporciona uma distribuição das poucas salas de cinema por todo território.

Na pesquisa, sobressai o fato de que as salas de cinema são pontos focais da nova paisagem urbana na qual tem lugar a vida moderna. Cinema e arquitetura, duas grandes artes impulsionadas pela expansão da indústria na passagem do século XIX para o XX, reunidas em um ponto da cidade, irradiavam curiosidade e movimento. Conforme Benjamin (1991), na modernidade, as próprias construções arquitetônicas e urbanísticas passam a ser vistas como obras de arte.

Santa Catarina é composta por uma divisão administrativa com base na pequena cidade, essencialmente no litoral e também na parte mais a oeste de sua área. Este fator foi fundamental para a perda que o estado sofreu quando as salas começaram a ser desativadas. O estado foi um dos que mais perdeu salas de cinema de rua no país, fato que se iniciou no início da década de 1990. A nível nacional, em 2008, do número total das salas brasileiras, 26,9% eram cinemas de rua. Em 2015 esse número caiu para 10,2%, contrapondo com 89,8% localizados em shoppings (ANCINE, 2015).

No cenário nacional, segundo dados de 2015 da Agência Nacional de Cinema e Audiovisual (ANCINE), apenas 7% dos municípios brasileiros possuem uma sala de cinema. Atualmente, o Brasil apresenta cerca de 3005 salas de exibição comercial que estão concentradas, na verdade, entre 743 pontos de exibição, majoritariamente complexos multiplex (ANCINE, 2015). Deste total, 50% estão localizadas em municípios com mais de 500 mil habitantes. Estes 743 pontos estão distribuídos entre 388 cidades, das quais menos de 90 têm mais de um ponto de exibição.

Em âmbito estadual, no ano de 2010, apenas 31 das 293 cidades contavam com salas de cinema, e, deste número, a grande maioria está localizada em shopping centers (ANCINE, 2015). O processo de fechamento das salas ocorreu por conta da atuação das grandes corporações de mídia que passaram a focar seus investimentos nas redes multiplex. Deste modo, as grandes salas da primeira metade do séc. XX chegaram aos anos 1970-1980 tecnicamente ultrapassadas, e sua espacialização de grandes plateias de mais de 1000 lugares e saguões majestosos não foi o suficiente para aguentar o furor da especulação imobiliária emergente nas centralidades urbanas. É aí então que as grandes construções se tornam um prejuízo para seus proprietários, e estes, como saída encontram apenas a venda ou aluguel do espaço para atividades mais rentáveis. Além disso, o advento da televisão e das locadoras também foi um ponto importante que contribuiu para o fechamento e abandono destas salas, que por fim não resistiram a tantas adversidades, e atualmente persistem vivas apenas na memória dos seus antigos frequentadores.

O fechamento das salas de rua foi um dos fatores determinantes para que os centros tradicionais das cidades perdessem movimento noturno e vissem enfraquecer seu caráter de lugar de encontro e sociabilidade urbana. As calçadas, que antes abrigavam o burburinho das filas para o ingresso ou para a pipoca, converteram-se em lugares de passagem durante o dia e quase desertos a noite.

A partir das informações coletadas e da resultante análise, entende-se que, apesar de grande parte das salas de cinema de rua terem sido esquecidas, destruídas ou mutiladas, elas foram de grande importância para o desenvolvimento econômico e cultural do estado, testemunhando o adentrar de Santa Catarina na modernidade, ainda que tímida.

Os exemplares que resistem ou que possuem registros fotográficos demonstram a busca da arquitetura da época pelos ideais europeus, tendo em vista que a Europa era sinônimo de modernidade e cosmopolitismo, e a junção da atividade do cinema com a linguagem da edificação foi tão presente que comumente entende-se a linguagem *Art Déco* como a “arquitetura do cinema”, devido ao fato de que grande parte das edificações com essa função buscava remeter à este estilo (COSTA, 2010).

Fato este que se percebe inclusive nas análises efetuadas no estado de Santa Catarina, em que a grande maioria das edificações encontradas foi classificada como pertencente ou remetente à esta linguagem. Deste modo, as salas e fotografias sobreviventes trazem, mesmo que por meio de fragmentos que resistiram ao tempo, uma ideia da rica experiência do espectador dos antigos cinemas de rua.

## REFERÊNCIAS

- ANCINE. *Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro 2015*. Disponível em <https://oca.ancine.gov.br/anu%C3%A1rio-estat%C3%ADstico-do-cinema-brasileiro-2015>. Acesso em 10.nov.2018.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. SP: Perspectiva, 1976.
- BENJAMIN, Walter; KOTHE, Flavio Rene (org.). *Walter Benjamin: sociologia*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1991.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. SP: Companhia das Letras, 2007.
- CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *A Rede Urbana*. SP: Ática, 1989.
- COSTA, Renato da Gama-Rosa. *Salas de cinema art déco no Rio de Janeiro*. RJ: Apicuri, 2010.

- FILHO, Alcides Goularti. *Formação econômica de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.
- CORREIA, Telma de Barros. O Art Déco na Arquitetura Brasileira. *Revista UFG*, Goiânia, ano XII, n.8, pp.14-18, jul.2010.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. *Cadernos do Lepaarq (UFPEL)*, Pelotas, v.2, n. 4, pp.9-17, ago/dez 2005.
- \_\_\_\_\_. História, memória e centralidade urbana. *Rev. Mosaico (PUC-GO)*, Goiânia, v.1, n.1, pp.3-12, jan./jun., 2008.
- POZZO, Renata Rogowski. *O cinema na cidade: uma cartografia das antigas salas de cinema de rua de Laguna - SC*. Florianópolis: DIOESC, 2016.
- \_\_\_\_\_. A cotidianidade do cinema. *CONTRACAMPO (UFF)*, Niterói, v. 36, n.3, pp. 85-111, dez.2017/mar.2018.
- SOUZA, Carlos Roberto de. Raízes do Cinema Brasileiro. *Revista ALCEU (PUC-Rio)*, Rio de Janeiro, v.8, n.15, pp. 20-37, jul./dez. 2007.
- THIES, Janete da Costa. *Cine Astral: uma história para recordar na cidade de Chapecó (SC)*. 2016. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Jornalismo, Universidade Comunitária da Região de Chapecó.
- ULPIANO, T. Bezerra de Meneses. *A história, cativa da memória?* Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista IEB*, São Paulo, v.34, pp.9-24, 1992.
- VIANA, Alice de Oliveira. *A persistência dos rastros: manifestações do Art Déco na arquitetura de Florianópolis*. Florianópolis: Editora da UDESC, 2008.